

# Pela janela do lado

Through the Side Window

Por la ventana de al lado

**Caroline Alciones de Oliveira Leite**

Fundação CECIERJ, Universidade Federal Fluminense, Brasil

## RESUMO

Este texto se apresenta sob o formato de uma crônica fabulada a partir da perspectiva de alguém que, cotidianamente, tem seu trânsito em direção ao trabalho marcado pelo encontro com *Módulo 6.5* (1970-1997), escultura de Ascânio MMM, instalada em frente ao prédio da sede da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. A personagem da crônica é *ela*, alguém sem identidade revelada, pois poderia ser todo mundo e ninguém. A crônica é atravessada por referências da literatura, como o poema *A uma passante* de Charles Baudelaire, da história e da teoria da arte, da fenomenologia da percepção e da topologia. Cabe destacar que foram de contribuição fundamental para a escrita desta crônica duas visitas realizadas ao ateliê de Ascânio MMM. No deslocamento entre Niterói e Rio de Janeiro, *ela* tem uma experiência singular da cidade a partir do encontro com a escultura de Ascânio pela janela do lado do ônibus.

Palavras-chave: *Módulo 6.5* (1970-1997), Ascânio MMM, Cidade Nova, escultura, espaço público

## ABSTRACT

This text is presented in the form of a fictional chronicle from the perspective of someone whose daily commute to work is marked by an encounter with *Módulo 6.5* [Module 6.5] (1970-1997), a sculpture by Ascânio MMM, installed in front of the Rio de Janeiro City Hall building. The character in the chronicle is *her*, someone whose identity is not revealed, as she could be anyone and no one. The chronicle is interspersed with references to literature, such as Charles Baudelaire's poem *To a Passing Woman*, history and art theory, the phenomenology of perception, and topology. It is worth noting that two visits to Ascânio MMM's studio were fundamental to the writing of this chronicle. On her commute between Niterói and Rio de Janeiro, *she* has a unique experience of the city when she encounters Ascânio's sculpture through the bus window.

Keywords: *Módulo 6.5* [Module 6.5] (1970-1997), Ascânio MMM, Cidade Nova, sculpture, public space

## RESUMEN

Este texto se presenta en forma de crónica fabulada desde la perspectiva de alguien que, a diario, tiene su trayecto hacia el trabajo marcado por el encuentro con *Módulo 6.5* (1970-1997), escultura de Ascânio MMM, instalada frente al edificio de la sede del Ayuntamiento de la ciudad de Río de Janeiro. El personaje de la crónica es *ella*, alguien sin identidad revelada, ya que podría ser cualquiera y nadie. La crónica está plagada de referencias a la literatura, como el poema *A una transeúnte* de Charles Baudelaire, a la historia y la teoría del arte, a la fenomenología de la percepción y a la topología. Cabe destacar que dos visitas al taller de Ascânio MMM fueron fundamentales para la redacción de esta crónica. En el trayecto entre Niterói y Río de Janeiro, *ella* tiene una experiencia singular de la ciudad a partir del encuentro con la escultura de Ascânio a través de la ventana del autobús.

Palabras clave: *Módulo 6.5* (1970-1997), Ascânio MMM, Ciudad Nueva, escultura, espacio público

Caroline Alciones de Oliveira Leite é doutora em Artes Visuais (UFRJ), mestre em Estudos Contemporâneos das Artes (UFF), bacharel e licenciada em Letras Português-Inglês (UFRJ) e bacharel em Produção Cultural (UFF). Atualmente, integra a equipe da Vice-Presidência Científica da Fundação CECIERJ e realiza pós-doutorado no PPGCA-UFF. É representante da ANPAP no Estado do Rio de Janeiro e representante titular do Comitê de História, Teoria e Crítica de Arte da ANPAP.

<https://orcid.org/0000-0002-7866-7863> | alcionesdol@gmail.com

Este documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0) <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

© 2025 Caroline Alciones de Oliveira Leite

## Pela janela do lado

A luz do sol ilumina o raro da cidade. A memória falha em precisar se o narrado se passou em 2016, ou em 2008, se bem que pode ter sido em 2025. Residir fora da região mais central do Rio de Janeiro ou mesmo em outras cidades da Região Metropolitana, com frequência, significa deixar o registro de alguma tranquilidade do local em que se mora em direção à agitação central. Saindo do refúgio, há uma expansão da paisagem que passa a se conformar para quem se desloca, cotidianamente, em direção ao trabalho: casas, prédios, concreto, transeuntes. A cidade vai crescendo conforme cada um toma para si pontos que marcam a cidade. A cidade vai se tornando subjetiva para cada um. Lá, onde a concretude de empreendimentos que abrigam as mais distintas empresas, repartições públicas, instituições de finalidades variadas é possível encontrar o lazer e o trabalho. No centro da cidade, além de prédios e veículos que levam ao centro há, notadamente, sujeitos. Muitos sujeitos suscetíveis à dinâmica da urbe.

Entre arranha-céus, avenidas, automóveis e locomotivas, o sujeito é a principal peça da cidade. Sem a sua presença, a cidade não passa de fantasmagoria, de sombras do que outrora teve vida. Adentrar o centro de uma cidade como o Rio de Janeiro se configura como um exercício de concentração, de ter objetivos firmemente traçados em trilhas que atravessam uma profusão de outros caminhos, informações e ruídos. Atravessar a cidade grande demanda determinação para se chegar lá. Ao turista, o passeio e a apreensão ou reapreensão do novo sugestionam a paisagem ante a predisposição às maravilhas e à noção de experiência da cidade, muitas vezes distante das teorias do pragmatismo e um tanto mais próxima do capitalismo instagramável da contemporaneidade.

É na gira do trabalho que estas palavras se desenrolam, a partir da perspectiva de quem, no ciclo circadiano, percebe que o *loop* da vida no mundo não corresponde à restauração do igual de forma definitiva. É na gira do sujeito que busca a diferença, que busca fazer a diferença para o mundo e para si – marcar a paisagem –

que se encontra a escultura que repousa sua brancura, leveza e movimento na Cidade Nova, no Rio de Janeiro.

Ao longo dos dias, meses e anos, o trânsito pelo igual, na companhia de pessoas que também repetem os mesmos passos, dia após dia, ia se estabelecendo uma familiaridade com a paisagem constituída por ruas, prédios, árvores, *graffiti* e pessoas. Eram tamanhos os afazeres que a aguardavam na sala branca, de luz branca, de ruído branco e de gente, muita gente falando. Por vezes, as atribuições daquele lugar, branco por dentro e marrom espelhado por fora, pareciam muito maiores do que os prédios e do que sua capacidade de administrar junto à própria vida, aquela que se passava “Longe daqui! tarde demais! nunca talvez!” (Baudelaire, 2019, p. 294).

Na repetição dos dias de um regime 24/7, alguns eram mais leves, outros mais densos e, antes de se encontrar com a concretude da realidade, *ela* sempre via aquela onda branca. Paradoxalmente parada e em movimento, a onda parecia acenar para *ela*, em meio ao alarido ensurdecedor da rua (Baudelaire, 2019), como quem quer afirmar que é possível ser denso e ter leveza ao mesmo tempo. Dividida entre prolongar o descanso no balanço do ônibus e o receio de passar do ponto, nem bem o olhar conseguia dar atenção à onda branca e o ônibus já a levara um pouco mais adiante, próximo de sua ancoragem. Seria necessário aguardar pelo fim do expediente para, quem sabe, retomar aquela troca marcada pela exuberância de curvas feitas de retas.

O ônibus, porém, é impiedoso: passa em seu horário, à velocidade que o pé do motorista entender ser adequada, chacoalha e segue sua rota. Não importa quem está dentro, não importa o que está fora, o ônibus segue seu *loop* e, na agilidade de um itinerário com trânsito livre, a escultura não consegue sequer acenar, apenas está lá, em seu lugar.

No dia seguinte, novamente a onda branca estava lá, mas as amizades que se estabeleceram naquela comunidade móvel do

veículo urbano frequentemente desviam sua atenção. Por vezes, o telefone celular ocupava sua atenção, outras tantas o pensamento nas preocupações, mas a escultura seguia lá, impávida em seu equilíbrio, elegante como o giro da bailarina que sustenta o peso de seu corpo sobre a ponta dos dedos. Assim, mesmo que não dedicasse uma atenção profunda à onda branca, ao menos um olhar de relance acontecia, pois, para *ela*, ficar sem mirá-la seria como ir à praia e não escutar o marulho.

O deslocamento de *ela* ao centro da cidade tornou-se marcado pelo encontro com a grande onda branca. Nesta dinâmica de miradas rápidas ou um pouco mais detidas, a rotina ia se desenrolando na esteira do trabalho. É possível ver a escultura de vários pontos e distâncias. *Ela* costumava observá-la pelo o que conjecturava ser a sua frente, seu eixo mais horizontal, mas quando o ônibus avançava veloz, *ela* insistia em olhar para a paisagem que ficara para trás na velocidade do ônibus. Surpreendia-se como era outra vista a partir daquele perfil.

A onda transformava-se em uma espiral, girando estaticamente sobre seu próprio eixo sem sair do lugar. *Ela* achava graciosa a dança da forma que sustentava o giro em seu próprio eixo. Percepções de um átimo, pois no próximo ponto, era sua vez de *ela* descer onde já não conseguia enxergá-la. Chateou-se quando passageiros outros passaram a sentar naquele que era seu lugar favorito, de onde, sentada sozinha, tinha tranquilidade suficiente para se dedicar à onda branca, aproveitando ao máximo aquelas frações de tempo. Aprendeu a mirá-la mesmo do outro lado do ônibus, encontrando pontos de fuga que permitiam alcançar a forma em movimento. Aprendeu a levantar um ponto antes para contemplá-la de pé.

Cada vez mais cedo, seu sono se dissipava. Do alto do elevado que ia dar na Cidade Nova, à distância, via a luz rosa do sol nascente atravessar as janelas da igreja da Candelária e, nem bem a vista inebriava-se daquela luminosidade, o ônibus descia veloz a onda de concreto. Logo na sequência, encontrava a escultura,

entrelaçavam-se a imagem sensorial do movimento do ônibus sobre o elevado com a imagem visual da escultura branca. *Ela* sentia que, na repetição de seus dias, percorria simultaneamente a superfície de concreto e a escultura como quem percorre superfícies não-orientáveis, deslocando-se cicличamente no mesmo e no infinito, em dimensões que somente a poesia da topologia e a arte são capazes de dar conta.

Pelo fortuito do destino, dia desses, *ela* não pegou o ônibus para ir trabalhar, mas veículo outro cujo motorista, muito satisfeito em sua lida, tomou a pista da Avenida Presidente Vargas mais próxima à escultura. O motorista contava causos de seu ofício, porém, no de repente do encontro em uma proximidade nova, algo a estardeceu. A escultura havia crescido ou *ela* havia encolhido? Talvez os dois. A van, mais baixa que o ônibus, estava mais próxima da escultura. Pela janela do lado, a onda branca crescia conforme *ela* avançava em sua direção. Acostumada também a deslocar-se de barca entre o Rio e Niterói, *ela* pensou na experiência de quem atravessava o oceano Atlântico e aportava no Rio de Janeiro: conforme se toma proximidade do porto, perceber a cidade crescer diante dos olhos. A onda branca cresceu em perspectiva a *ela*. Já sem acompanhar as estórias do motorista, foi neste dia que *ela* aprendeu a mágica de colocar entre parênteses: destacar a poesia do ruído do mundo.

Houve um período em que as chuvas de um inverno começaram a deitar águas frias sobre a cidade. E agora? As intempéries poderiam prejudicar a escultura, a água manchar sua cor, a temperatura contrair sua constituição material. Não bastasse a poluição do ambiente, agora a chuva também. Estava em pé no ônibus, esticando o pescoço, buscando encontrá-la, pela janela do lado, em meio aos guarda-chuvas abertos na rua, às escadas da passarela, aos postes e à chuva torrencial. Foi neste dia que, percebendo a preocupação, a escultura declarou:

— Tudo vai bem. É apenas uma chuva que, como tantas outras, vai passar. Quem me criou sabe o que é atravessar as águas. Tem formação em criar coisas e lançá-las ao mundo, à

cidade. Pensou bem minhas dimensões e meu peso, calculou minha sustentação, aqui estou e ficarei por longos e incontáveis tempos.

Não houve espaço para respondê-la... O ônibus impiedoso não permitiu uma palavra em retorno. Um sentido a mais surgia do inesperado do absurdo. A relação com a onda se adensara, ao longo dos anos, sem que *ela* se desse conta. Percebeu que a sonolência de outros tempos já não a embalava tanto, mesmo quando o cansaço batia, *ela* accordava em tempo de encontrar a escultura. No dia seguinte, a chuva cessara, *ela* fixara o olhar e aguçara os ouvidos. Como retorno a acenos e interrogações, apenas o silêncio ruidoso da cidade. A onda branca nada dizia, ocupada em movimentar-se fixamente como o planeta Terra: sem parecer sair do lugar e, ao mesmo tempo, girando em rotação. Assim como o trabalhador, a escultura seguia sua rotina de ser, de marcar a Cidade Nova e de fazer sua diferença no mundo. Não se preocupava em explicar-se, apenas ocupava-se em ser.



Fig. 1 - Ascânia MMM, *Módulo 6.5, 1970-1997*, Rio de Janeiro. (Foto: Caroline Alciones de Oliveira Leite)

No segredo de suas reflexões, *ela* seguia na dúvida se a declaração havia sido uma ilusão auditiva, pois mais ninguém no ônibus parecia admirado, mais ninguém parecia ter escutado. Os dias sucediam e a memória das palavras ficara guardada ali, só para *ela*, como aquele segredo que por cautela de sanidade não se compartilha.

A cada dia, dividia-se entre as preocupações, a sonolência e o encontro marcado. Conjecturava descer e ir lá, bem de perto, interrogá-la a íntimo, arrodeá-la. Procurar seu eixo, tocar-lhe a brancura, sentir a temperatura de sua constituição. Estava determinada, mas as obrigações a levavam daqui para lá e de lá para cá. Dia desses, depois de já ter passado pela onda, de ter chegado ao trabalho e transcorrido algumas horas, em um rompante, desceu pelo elevador, tomou o metrô da Praça XI. Sem o costume da locomotiva, foi parar na estação da Carioca, de onde voltou até chegar na estação Cidade Nova.

*Ela* não via a onda branca, sabia que estava logo ali, mas no trânsito para lá e para cá, gastara tempo demais, o celular tocou e precisou retornar às pressas ao prédio marrom espelhado por fora e branco por dentro, com a promessa de que ainda havia de ali retornar, atravessar a passarela e chegar lá, onde não estava, e ter com a escultura bem de perto. Dessas coisas que parecem perturbar somente para não acontecer...



Fig. 2 - Ascânio MMM, *Módulo 6.5*, 1970-1997, Rio de Janeiro. (Foto: Caroline Alciones de Oliveira Leite)

Aquela relação começara a extrapolar os limites do platônico, *ela* começara a partilhar sua perplexidade pela escultura com pessoa próxima e, pelos desacasos da vida, essa pessoa revelou ter amizade com o artista que criara a escultura. Emprestou-lhe livros que contavam a história do artista, Ascânio MMM, de suas obras e trajetória, livros que, invariavelmente, se dedicavam a *Módulo 6.5* (1970-1997), como a grande onda havia sido batizada. Alguns escritos detalhavam como se deu o movimento de algumas obras do artista que, deixando o ateliê, tomaram lugar no espaço público de importantes cidades. Atravessou os livros, mas insistia em deter-se na onda branca, escultura que a mesmericava, encontrando o desenho, projeto da obra, e um pouco de sua história.

A escultura *Módulo 6.5* teria sido instalada em frente à Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro em 1997, não fosse a negativa do cardeal-arcebispo à época. Já com a base construída, a obra

foi preferida em favor de uma escultura do Papa que visitara a cidade naquele ano. Foram apresentadas novas opções de espaços ao artista que escolheu instalar a obra em frente ao Centro Administrativo São Sebastião, sede da Prefeitura do Rio de Janeiro, no bairro Cidade Nova.

A escolha do novo espaço parece um tanto mais significativa do que a frente da Catedral, não por tratar-se de um local representativo para a administração pública da cidade, tampouco por ser um ponto que talvez possa ser compreendido como o início da região central do Rio de Janeiro, mas principalmente pelo fato singelo e significativo de o bairro da Cidade Nova ter sido escolhido pela família de Ascânio MMM, há mais de 60 anos, como local de residência após a migração de Portugal para o Brasil.

Fascinada pelo fantástico da história ao redor da escultura, *ela* foi convidada para visitar o ateliê do artista. Queria entrevistá-lo, conhecer Ascânio MMM que morou e que ainda trabalha no mesmo bairro da cidade em que *ela* trabalha. Municiou-se de perguntas, de seu gravador, de caderno e caneta. Intentava avançar na pesquisa para escrever a história da grande onda branca desde a perspectiva de quem passa no ônibus todos os dias e percebe o mundo enquadrado pela janela do lado. Era sexta-feira, véspera de Carnaval, época em que, na cidade Maravilhosa, a alegria é a ordem do dia. Em seu trabalho, todos estavam dispensados, pois os desfiles dos grupos de acesso já aconteciam, quase ao lado do prédio marrom espelhado por fora, bem ali na Avenida.

A visita aconteceu em companhia de pessoas muito interessadas na obra de Ascânio que apresentou a todos o ateliê, espaço de impressionantes dimensões. Quatro galpões, de um pé-direito desejável a quem cria esculturas de grandes dimensões, abrigam uma coleção de obras criadas ao longo de toda uma vida dedicada às artes, grande quantidade de madeira, alumínio, parafusos, porcas e ferramentas, tudo rigorosamente organizado. O artista mostrou-lhe uma miniatura de *Módulo 6.5* e a levou até a planta-baixa fixada à parede de uma das salas do ateliê, à frente da qual localizava-se

a prancheta de desenho. Diante do desenho, uma experiência vertiginosa a percorreu: encontravam-se tempos distintos, os seus com os da obra de arte, com os do artista, no pretérito e no presente. *Ela* foi atravessada pelas aulas que teve de desenho técnico, em que projetava casas que nunca seriam construídas, em que se orgulhava de sua habilidade com as espessuras do traço, de sua bela caligrafia de arquiteto que seguiria com *ela*, daquele tempo em que projetou ser arquiteta e que reverberava por todas as outras diferentes escolhas feitas em direção ao mundo. Estremecia-se ao percorrer o traço do artista no projeto fixado à parede, como se o pretérito se materializasse diante de seus olhos, descortinando o artista-arquiteto riscando o papel, registrando os cálculos de seu complexo.

A manhã desenrolou-se em uma tarde que culminou em uma visita à exposição individual que Ascânio realizava no Cosme Velho. *Ela* pôde ver, de perto, obras, estudos e objetos que também diziam respeito a Módulo 6.5. Tornou a ver, na exposição, a planta-baixa da escultura. O dia transcorria atravessado por fascínios e encontros provocados pela arte, não houve, pelo razoável do momento, como travar conversa centrada na onda branca. Tudo se passava como uma viagem quase sem registros outros para além daqueles retidos pela memória. A hora correu veloz, o grupo se dispersou, todos felizes pelo dia em companhia de Ascânio. Chegara o momento de deixar o Carnaval acontecer.

A alegria tomara conta da cidade, os desfiles transmitidos pela televisão a recordavam que, bem próximo à Avenida, estava a escultura de Ascânio MMM. Quando no amanhã tudo voltou ao normal, parafraseando a canção, *ela* tomou o ônibus e seguiu para sua lida. Já era março quando a folia começara e as águas do mês pareciam se organizar no céu da cidade para varrer as cinzas da quarta-feira. Atravessando a ponte Rio-Niterói, não era possível enxergar a cidade – ao redor, tudo era nuvem. A ponte trabalhava sua resiliência, balançando quilômetros de concreto. O ônibus chegou ao Rio com os passageiros assombrados pelo vendaval que soprava a cidade.

As poucas árvores do percurso agarravam-se pelas raízes a terras encobertas pelo concreto, alguns galhos quebravam, os camelôs corriam para salvar seus pertences e as pessoas apressavam-se na busca de um abrigo que as protegesse do vendaval, da poeira e do que mais pudesse ser levado pelo vento. Entre o espanto dos passageiros que desceriam nos próximos pontos, o ônibus subiu e desceu o elevado, quando finalmente *ela* avistou a onda branca, algo impensável acontecera. O vento soprara Módulo 6.5 que, como as sementes da flor dente-de-leão, teve seus perfis espremidos pelo ar. A escultura feita pela sobreposição e pela torção de cento e vinte perfis foi desfiada em módulos que, como sementes, voavam no abismo do ar. Suas curvas foram desfeitas, agora tudo que se tinha eram retas em suas próprias trajetórias, circulares ou não, pelo ar.

A imagem do absurdo descortinava-se ali, pela janela do lado. Movida pelo inesperado, *ela* conseguiu abrir a janela, estendeu a mão para fora como quem buscava conter, algum módulo que fosse, da fúria do vento. Esticou-se o mais que pôde, ignorando as exclamações de outros passageiros que ordenavam que a janela fosse fechada. Percebendo a determinação de *ela*, um dos perfis lançou seu peso em direção ao ônibus... finalmente o encontro próximo iria, de alguma forma, acontecer. *Ela* quase tocou o módulo..., mas, em um de repente, escutou as vozes de suas amigas daquela comunidade móvel:

- Espera, motorista! É o ponto de *ela*.
- Acorda querida! Acorda!
- Vai descer, motorista! Vai descer!

Assustada, olhou para fora, tudo seguia como sempre. Antes de descer, ainda teve tempo de ver Módulo 6.5 de outro ângulo. A escultura permanecia lá, com todas as suas pétalas acumuladas, sobrepostas e torcidas em sua dança de girar sem sair do lugar, de ser arte no “mundo mundano” (Oliveira, 2014), no caminho do trabalhador, disponível a quem dedica nem que seja um olhar, um relance ou quem sabe um sonho, sonhado pela janela do lado.



Fig. 3 - Ascânia M M M, Módulo 6.5, 1970-1997, Rio de Janeiro. (Foto: Caroline Alciones de Oliveira Leite)

## Referências

Baudelaire, C. (2019). À Une Passante (XCIII). In C. Baudelaire, *As flores do mal*. Penguin Classics, Companhia das Letras.

Calvanti, L. (Org.) (2024). *Ascânia MMM: Geometria inquieta*. (Catálogo da exposição) Instituto Casa Roberto Marinho.

Crary, J. (2016). *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*. Ubu Editora.

Foster, H. (2015). A escultura refeita. In H. Foster, *O complexo arte-arquitetura* (pp. 159-196). Cosac Naify.

Herkenhoff, P. (2012). *Ascânia MMM: poética da razão*. Bei Comunicação.

Husserl, E. (2012). *A ideia da fenomenologia: cinco lições*. Editora Vozes.

MMM, A. (Org.) (2005). *Ascânia MMM*. Andrea Jakobsson Estudio.

Marar, T. (2019). *Topologia geométrica para inquietos*. Editora da Universidade de São Paulo.

Oliveira, L. S. (2014). O verso do artista no reverso do mundo. *Pós*, 4(7), 62-72.



arte  
:lugar  
:cidade